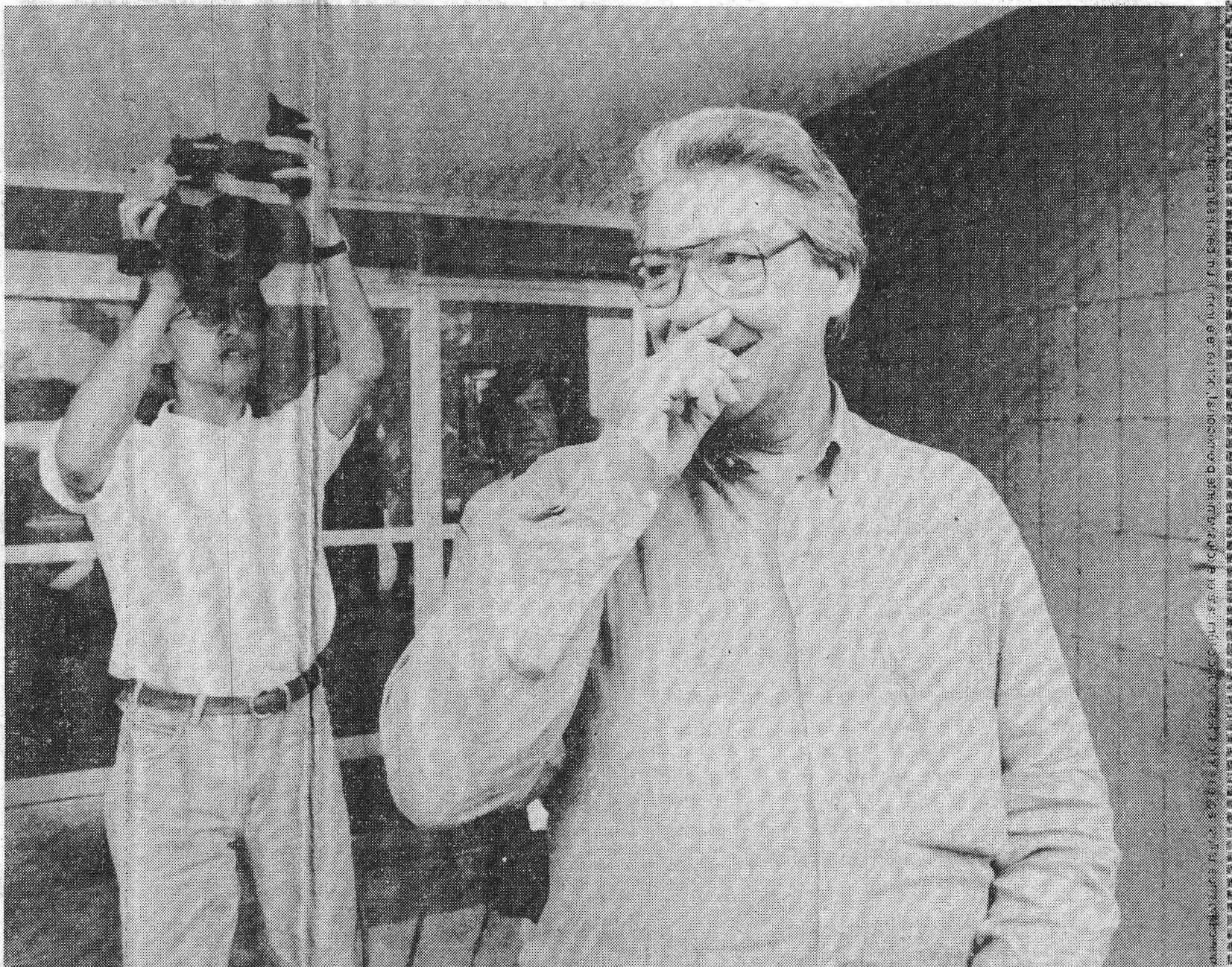




Mário Covas deixa sua casa, em São Paulo: consolidar o PSDB como partido democrático é objetivo maior

Célio Jr./AÉ

PSDB se reúne, mas não se entende sobre futuro

MARILENA DÊGELO

Terminou em pizza o primeiro encontro da cúpula do PSDB com o senador Mário Covas para discutir a posição do partido no segundo turno das eleições. Sem pressa para definir apoio a qualquer candidato, os tucanos passaram a noite de quinta-feira, na casa de um parente de Covas, em São Paulo, numa animada troca de opiniões conflitantes. No final, entre um pedaço e outro de pizza, decidiram que o fundamental neste momento é o PSDB se firmar como partido democrático.

Na opinião do senador Fernando Henrique Cardoso, a expressiva votação obtida pelo partido nesta eleição não deve ser desperdiçada politicamente. "Não queremos dissolver nossa identidade em apoio a candidatos que não tenham propostas coincidentes com as nossas", frisou o líder do PSDB no Senado. "O PT sempre agiu desta forma conosco, observou. Ao

mesmo tempo que pretendem preservar o partido, não fazendo alianças em troca de cargos, os tucanos não querem tomar atitude que dificulte a governabilidade do País.

Por esta razão, eles resolveram ouvir as bases do partido para tornar sua posição mais democrática. Desde ontem, os diretórios regionais começaram a reunir os militantes para discutir se o partido deve declarar apoio a um candidato. Segundo o presidente regional do PSDB do Rio, deputado Ronaldo Cézar Coelho, os militantes cariocas concluíram, depois de uma reunião exaustiva, que o partido não deve se omitir. "Os tucanos devem manifestar seu voto, mas não podem participar do governo", afirmou o deputado.

O governador do Ceará, Tasso Jereissati (PMDB), que comeu pizza com a cúpula do PSDB, não partilha da mesma posição. Para ele, o mais sensato no momento é não apoiar ninguém. "Eu, por exemplo, tenho dificuldade de ficar com qualquer um dos dois: menos ainda com Lula do que com Collor", ressaltou, sem levar em

conta Brizola. O governador pretende acompanhar o debate dos tucanos na próxima semana e ouvir suas bases políticas no Ceará antes de definir posição. "Se eu me afinar com o PSDB no segundo turno, entro no partido", acrescentou. Tasso não descarta o apoio a Collor.

O secretário-geral do PSDB, deputado Euclides Scalco (PR), garantiu que nenhuma liderança do partido foi procurada até agora por interlocutores dos dois prováveis vencedores no primeiro turno para discutir qualquer acordo. "Ainda é prematuro tomar posição porque não sabemos o que vem do lado de lá", argumentou. "Convidar Covas para vice é uma falta de respeito político com o senador, que teve uma votação surpreendente."

O presidente nacional do PSDB, ex-governador de São Paulo, Franco Montoro, é a instância a que devem se dirigir os interessados em obter apoio do partido. Até ontem à tarde, ele não havia conversado com ninguém do PT ou do PRN. Fernando Henrique também negou ter sido assediado. "Não falo com Renan Calheiros (líder do PRN

na Câmara) desde maio", informou. "Se Plínio de Arruda Sampaio (líder do PT) vier falar comigo, encaminhando ele para Montoro".

Os tucanos estão preocupados em tomar todas as precauções para manter o partido unido. O resultado das discussões realizadas nos diretórios regionais será levado sábado para a reunião do diretório nacional, em Brasília. Antes, o PSDB terá outras duas reuniões: terça-feira, da executiva nacional, e quinta-feira, da bancada federal. "Vamos tomar posição sem pressa", assegurou Fernando Henrique. "Não temos porque ficar nos oferecendo."

Para o líder do PSDB no Senado, o apoio a um dos candidatos no segundo turno pode ser importante para não dificultar a governabilidade do País. Covas também não descarta a possibilidade de apoiar alguém no segundo turno. "Ainda que tenhamos posições divergentes, teremos que buscar uma decisão majoritária", enfatizou. "Não importa minha opinião pessoal, porque partido sério segue uma trajetória e eu não sou independente do PSDB."